

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto consiste em fragmentos de um discurso que contempla uma crítica aos modelos sociais vigentes, aos modelos científicos e, principalmente, que faz ver e sentir o design através de novos prismas. Essa fragmentação refrata as teorias clássicas de design e o pensamento hegemônico das pesquisas contemporâneas em design, principalmente no Brasil. Tal escolha não é um ato rebelde, mas um ato de resistência, é um ato político que enseja um projeto de design humanista. Para tanto, não se considera a utopia como uma qualidade do projeto, mas se considera uma estratégia. Em tempos de pandemia, de crise política e econômica, como o que se enfrenta na atualidade, nada poderia ser mais inspirador. A utopia não trouxe soluções, a utopia trouxe, para este projeto, a possibilidade de transformações, condições para enfrentar a realidade, ou melhor, as realidades.

Esse caminho envolveu a cidade como o lócus da imaginação e, a partir dos movimentos metodológicos que envolvem a fotografia-fragmentação-(re)montagem-tessitura, foi possível projetar por cenários. Esses cenários não antecipam ou prospectam o futuro que está por vir. A noção de futuro nesse tipo de metodologia atua como agente de transformação do presente, pois auxilia na construção de novas realidades. É a estratégia da utopia e da transculturalidade que nos permite esse deslocamento de tempo e espaço. O que significa abandonar o pensamento

linear que conduz a uma perspectiva causal no âmbito do projeto, marcado por etapas, restrito aos moldes cartesianos.

A motivação de transformação permite contrapor a visão unívoca da realidade. Tal perspectiva ainda é um desafio para o design contemporâneo, que insiste em modelos de projetos orientados pela dicotomia problema e solução, por exemplo. Enfatizamos, assim, que o projeto de design orientado por metodologias que privilegiam o sensível ganha força para enfrentar os desafios sociais, pois prospera na imaginação e, com isso, liberta o homem. Antes de verdades inferidas pela dedução/indução, é preciso encontrar uberdades sustentadas pela abdução. E, neste âmbito, é a imagem, em especial a fotográfica, a matéria sensível que dá vida à imaginação, que abduz.

Trabalhar o design estratégico pela dimensão sensível permite compreender que a estética não está fadada ao artefato, mas está nos processos de projeção em que estão implicados os atos políticos e os atos éticos. O percurso projetual é marcado pelas escolhas feitas no decurso da ação. Portanto, não são as escolhas *a priori* que determinaram o percurso, mas as escolhas feitas diante dos acontecimentos, diante da experiência vivenciada, é o que pode ser chamado de método. A pergunta que surge é: como fazer essas escolhas? Elas devem ser feitas à luz da metodologia que orienta o designer e exige uma postura sensível e emocionada em face do estupor que isso possa causar. O planejamento inicial marca o lugar de saída; o lugar de chegada, a trama sensível, é resultado dos movimentos metodológicos realizados ao longo do percurso. As estratégias: a utopia e a transculturalidade impulsionam, favorecem e orientam o projeto.

A projeção em design envolve uma ação reflexiva que critica a realidade e, com potencial prático, age sobre essa realidade. Ao apontar a relevância da relação entre arte e design, buscou-se a possibilidade da transformação da realidade em que a técnica prevalece para uma nova sociedade que a incorpora, mas que não é dominada por ela.

Por fim, destaca-se que a fragmentação e a (re)montagem atuam no favorecimento da imaginação e da inventividade neste tipo de cenário. O estranhamento, próprio da experiência estética, favorece a dialogia, provoca o debate e cria um fluxo visual que perpassa todos os momentos da experiência. A (re)montagem marca todo o percurso narrativo e encadeia os enunciados, tecendo, então, a trama sensível.

A trama sensível tecida a partir das narrativas imagéticas representa a transformação sociocultural. Esses processos atuam em sistemas culturais que são caracterizados pelas heterotopias. Das heterotopias surgem narrativas que

então alimentam novas visões de mundo, que são utópicas/distópicas e promovem transformações sistematicamente. Desse modo, a transformação é sempre uma iberdade que é norteadora da imaginação em processos projetuais a serem desenvolvidos em espaços plurais/diversos, onde a dialógica cultural prevalece. E o prefixo *trans*, de transformação, que significa além de ou através de, liberta a forma, liberta o design. Por conseguinte, os cenários panoramáticos configuram um espaço transitório para a assimilação de novos sentidos, lugar do exercício livre da imaginação.

A arte também é emancipatória para o design, ao encontrar nos processos artísticos o espaço da crítica, da reflexão e também de sonho e de devaneio. Logo, o design estratégico orientado por estratégias utópicas e transculturais emancipa-se da racionalidade instrumental e prospera na imaginação.

